

## EPISTEMOLOGIA DA PRÁXIS: ENFOQUE EMANCIPATÓRIO E CONTRA HEGEMÔNICO NA PRODUÇÃO ACADÊMICA

PRAXIS EPISTEMOLOGY:  
EMANCIPATORY AND COUNTER HEGEMONIC FOCUS WITHIN ACADEMIC PRODUCTION

EPISTEMOLOGÍA DE LA PRÁXIS:  
ENFOQUE EMANCIPATORIO Y CONTRA HEGEMÓNICO EN LA PRODUCCIÓN ACADÉMICA

**Solange Martins Oliveira Magalhães**

Professora do curso de Pedagogia e do Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás (UFG). E-mail: solufg@hotmail.com

Apoio: CNPQ - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. FAPEG - Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de Goiás

### RESUMO

O principal *locus* de formação e de produção de conhecimento crítico, capaz de alterar e transformar a realidade, ainda se concentra nos programas de pós-graduação, sobretudo, naqueles implantados e sediados junto às universidades públicas. A pós-graduação tem uma história bastante singular no nosso país e, ao longo dos anos, vem sofrendo importantes investimentos político-ideológicos, que têm alterado sua identidade e a produção acadêmica. Atualmente, sujeita ao controle meticulosamente engendrado no processo de validação dos programas, vemos favorecido uma postura fortemente alienante, individualista, dicotômica e antagônica, que incide sobre a formação dos professores-pesquisadores e sua produção. Contraditoriamente, mesmo carregada de intensas contradições, a pós-graduação segue sendo espaço de lutas e resistências. Revalorizá-la como lugar de formação crítica, passa pela compreensão do fato que a resistir ao processo ideológico que a atinge, exige uma clara opção epistemológica, como estratégia contra o atual projeto hegemônico, sobretudo no que se refere a formação docente e a produção do conhecimento. Para alcançar esse objetivo, assumimos a *epistemologia da práxis* como princípio de resistência contra hegemônica, por expressar a pesquisa como práxis capaz de gerar conhecimento emancipador, o que é fundamental à omnilateralidade da formação dos sujeitos sociais.

**Palavras-chave:** Epistemologia da práxis; Produção do conhecimento; Pesquisa acadêmica.

### ABSTRACT

The main locus of formation and production of critical knowledge, capable of changing and transforming reality, is still concentrated in graduate programs, especially those implanted and based in public universities. Graduate programs have a very unique history in Brazil. Over the years, they have undergone important political-ideological interference that altered their identity and their academic production. Currently, it is subjected to a meticulous control in the process of program validation, which favors a strongly alienating, individualistic, dichotomous and antagonistic posture that influences the teacher-researcher training and production. In contrast, even with intense contradictions, graduate programs continue to be a space of struggle and resistance. In order to revalue it as a place of critical formation, the author assumes that stopping the ideological process that today affects it requires a clear epistemological option as a strategy against the current hegemonic project, especially regarding teacher training and the production of knowledge. To achieve such goal, the author assumes the praxis epistemology as a principle of resistance because it expresses the research capability of generating emancipatory knowledge, fundamental to the multilateral formation of social subjects.

**Keywords:** Praxis epistemology; Knowledge production; Academic research.

## RESUMEN

El principal locus de formación y de producción de conocimiento crítico, capaz de alterar y transformar la realidad, aún se concentra en los programas de postgrado, sobre todo, en aquellos implantados y con sede en las universidades públicas. El postgrado tiene una historia bastante singular en nuestro país y, a lo largo de los años, viene sufriendo importantes inversiones político-ideológicas, que han alterado su identidad y la producción académica. Actualmente, sujeta al control meticulosamente engendrado en el proceso de validación de los programas, vemos favorecido una postura fuertemente alienante, individualista, dicotómica y antagónica, que incide sobre la formación de los profesores-investigadores y su producción. En contraste, incluso cargada de intensas contradicciones, el postgrado sigue siendo espacio de luchas y resistencias. Revalorizándola como lugar de formación crítica, pasa por la comprensión del hecho de que a resistir al proceso ideológico que la alcanza, exige una clara opción epistemológica, como estrategia contra el actual proyecto hegemónico, sobre todo en lo que se refiere a la formación docente y la producción del mismo, conocimiento. Para alcanzar ese objetivo, asumimos la epistemología de la praxis como principio de resistencia contra hegemónica, por expresar la investigación como praxis capaz de generar conocimiento emancipador, lo que es fundamental a la omnilateralidad de la formación de los sujetos sociales.

**Palabras clave:** Epistemología de la praxis; Producción del conocimiento; investigación académica.

## INTRODUÇÃO

O principal *locus* de formação e de produção de conhecimento crítico, capaz de alterar e transformar a realidade, conforme afirmou Frigotto (1991), ainda se mantém latente enquanto objetivo principal dos programas de pós-graduação em educação, sobretudo, daqueles implantados e sediados junto às universidades públicas. A pós-graduação tem uma história bastante singular no nosso país, pois sua institucionalização ocorreu ainda em período ditatorial, com a Reforma Universitária de 1968, que estabeleceu sua política de implantação e desenvolvimento, com o objetivo de formar recursos humanos de alto grau de qualificação de mão de obra especializada, respondendo às demandas do desenvolvimento econômico que se anunciava no país, conforme descreveu Gouvêa (2012). Buscava-se formar cientistas, pesquisadores e técnicos aptos a gerar novos conhecimentos que respondessem às novas demandas do capital.

Para alcançar os objetivos propostos, a pós-graduação foi dividida em *Lato sensu* e *Stricto sensu*. A primeira – *latu sensu* - foi voltada à especialização e aperfeiçoamento, à formação técnica profissional específica, sem abranger, no entanto, o campo total do saber em que se inseria a especialidade; a segunda - *Stricto sensu* -, foi ligada ao sistema de cursos que se superpunham à graduação, fortalecendo a formação científica ou cultural (BRASIL, 1965, p.17).

Nas décadas que se seguiram, ela foi sucessivamente se consolidando como responsável pela atividade organizada de produção de conhecimento científico que se estabeleceu no país. Velloso (2014) resumiu a historicidade da institucionalização da pós-graduação brasileira como a:

[..] estruturação de um sistema de apoio e financiamento à pesquisa e aos pesquisadores nas universidades e nos centros de pesquisa governamentais, a criação de marco normativo único, com parâmetros claros e uniformes para a criação e funcionamento dos programas de pós-graduação, mecanismos da avaliação, centralizados pela CAPES e dotados de grande legitimidade entre a comunidade científica, e mecanismos de financiamento acoplados à avaliação dos programas (VELLOSO, 2014, p.13).

No cenário contemporâneo, quando o país já estava sob um regime democrático, vigorou sobre ela a influência direta de organismos internacionais, em especial nos governos dos presidentes Lula e Dilma. As investidas dos organismos internacionais geraram vários documentos orientadores de mudanças para o ensino superior público e privado, que rapidamente passaram a incidir sobre as políticas educacionais. Gradativamente, consolidaram o ideário neoliberal na educação e na pós-graduação tornando-a co-responsável pela preparação adequada do trabalhador para a competitividade, aspecto muito exigido nos atuais tempos de crise (CÓSSIO, 2014).

A mesma influência favoreceu a rápida proliferação do ensino superior e da pós-graduação em todo o país (VELLOSO, 2014). A investida foi justificada por um discurso que preconizava o alívio à pobreza e a exclusão social por meio da meritocracia. Embora não tenha se distanciado da visão econômica, o discurso foi acrescido da visão social, justificando as políticas neoliberais distributivas, nominadas por Neves (2010; 2013) como políticas de Terceira Via, as quais buscaram a conformação de uma sociedade nova, a “social-democracia que não rompe com o capitalismo, mas busca uma alternativa intermediária (...) com um capitalismo com face humanizada, que atenua as consequências avassaladoras do neoliberalismo” (CÓSSIO, 2014, p. 1576).

As políticas educacionais implantadas, sobretudo após a década de 1990, intensifi-

caram esforços para ligar a educação às necessidades do mercado de trabalho, ao mesmo tempo em que, contraditoriamente, reproduziram e multiplicaram as desigualdades, quer seja no ensino superior, como na pós-graduação, o que implicou em sérios retrocessos à formação de professores e, conseqüentemente, à educação e à produção do conhecimento.

Da mesma forma, as mesmas diretrizes adentraram a universidade pública, tornando-a marcada por instabilidades políticas e econômicas que agravam a sua crise institucional. Tem-se que a institucionalização de processos de avaliação, regulamentação e controle que lhe são impostos, atingem os programas de pós-graduação, determinando uma nova fase para a pesquisa acadêmica em Educação, em todo país. Na verdade, com a implantação do ideário neoliberal, tanto as universidades públicas quanto a pós-graduação modificaram seus papéis sociais (CHAUÍ, 2003). As mudanças incidiram na base de suas identidades, alterando suas funções sociais, desqualificando suas ações no enfrentamento das desigualdades e das complexas relações entre a educação, o mundo do trabalho, a própria academia e a produção de conhecimento.

Nos dias atuais, a pós-graduação e a produção acadêmica estão atravessadas por intensas contradições, sob forte pressão ideológica, mas buscando meios de resistência aos ditames do capital. Entretanto, em muitos casos, a contradição vivida é tão intensa que, em alguns casos, os intelectuais acabam cooptados e o conhecimento passa a fortalecer a hegemonia. Uma consequência é que a formação da pós-graduação e sua produção acabam favorecendo uma postura fortemente alienante, individualista, dicotômica e antagônica, respondendo a ideologia dominante que é gerar a aceitação e manutenção do consenso ativo.

Nos termos de Neves (2010, p. 19), a formação de um consenso passa necessariamente por uma “educação para o consenso em torno das ideias, ideais e práticas adequadas aos interesses privados do grande capital nacional e internacional”. A autora nomina esse tipo de educação como Pedagogia para a Hegemonia, uma estratégia das políticas de Terceira Via. Uma “estratégia de legitimação social da hegemonia burguesa (..) que redefina suas práticas, instaurando, por meio de uma pedagogia da hegemonia” (NEVES, 2005,

p. 16).

Como estratégia de consolidação do projeto burguês no país, a Pedagogia da Hegemonia<sup>1</sup> consolida práticas pedagógicas que se ocupam com a formação de sujeitos que devem se unir em torno do consentimento das novas deliberações neoliberais. Essa lógica destina um novo lugar aos professores, dando-lhes centralidade ideológica na discussão educacional. Muda-se os currículos dos cursos de formação docente, impôs-se novas regras à pós-graduação para instituir novas formas de trabalho docente.

O mesmo é imposto à produção acadêmica que fica sujeita a mecanismos de controle e avaliação. O controle é cuidadosamente engendrado a concessão de financiamentos de investigação, aos espaços de publicação, a disponibilidade de bolsas para pós-graduandos e professores e ao controle de notas dos programas pela CAPES. Ao final, mantém-se um sistema que promove uma formação aligeirada, com a geração de um conhecimento com as características de um produto e de uma mercadoria comercializável. Aos pesquisadores resta submergir a competição ou empenhar-se na busca de mecanismos de resistência e enfrentamento. Em muitos casos, desolados, assumem a busca de eficiência produtiva, na ânsia de dar os retornos necessários para suas próprias pesquisas e a de seus orientandos.

As contradições postas à pós-graduação conferem aos pesquisadores críticos e contra hegemônicos, um alto grau de complexidade frente a imposição de modelos de eficácia e uma intensa produtividade. Nos termos da produção do conhecimento, isso implica na definição de uma cosmovisão que os distancie de um fazer ingênuo que não seja apenas a simples descrição da análise dos fenômenos estudados, de forma estática e linear, apolítica e teoricamente frágil. Além disso, é preciso ter consciência de que manter uma postura apolítica e de neutralidade na investigação acadêmica, acaba por alinhar o conhecimento e a ideologia neoliberal.

É necessário fazer entender aos pesquisadores como a produção acadêmica pode expressar várias formas de poder, direitos, epistemologias, pois envolvem comunidades interpretativas, cujas argumentações tender ser partilhadas, e podem até definir “linhas de

---

1 A Pedagogia para a hegemonia consiste em manter uma educação em conformidade com uma nova sociabilidade – a capitalista. Nessa sociabilidade os sentidos de democracia, cidadania, ética, são redefinidos de acordo com os interesses privados do capital nacional e internacional. A Pedagogia para a hegemonia é produzida e reproduzida pelo próprio Estado e por seus aparelhos públicos.

ação e interações que acabam por definir pertencças e adequação dentro de um determinado campo teórico” (SOUZA SANTOS, 2000, p. 303).

A premissa é que a produção acadêmica gera pontos de vista que tendem ser amplamente aceitos, particularmente, pelos professores em formação, que, por sua vez, irão acabar reproduzindo os novos conhecimentos. Se essa base formativa deve suscitar possibilidades de conscientização e emancipação, contraditoriamente, em função das escolhas epistemológicas dos próprios pesquisadores, pode-se gerar a supressão hegemônica do caráter político e ideológico da dominação.

Nesse sentido, buscamos revalorizar a pós-graduação como espaço de luta e resistência, assumindo a **epistemologia da práxis** como possibilidade de suscitar a superação das contradições históricas, postas à pós-graduação, particularmente, àquela com o foco na educação. A assumimos como categoria emancipatória contra hegemônica, cujos princípios ajudam no enfrentamento das atuais forças regulatórias.

### O lugar da epistemologia na produção do conhecimento

Etimologicamente, conforme explicou Saviani (2013, p.288), o termo epistemologia está relacionado a um conceito que tem sua origem na composição grega: *episteme* (conhecimento) e *logos*, (estudo, razão, explicação); é o estudo da natureza do conhecimento, sua justificação e limites.

Saviani (2013, p. 288) explica que existem outras palavras, derivadas do grego, que se referem ao conhecimento: “*doxa* (δόξα), *sofia* (σοφία), *episteme* (ἐπιστήμη)”, *gnosis* (Γνωσις)”. Para ele,

[...] *Doxa* representa o saber próprio do senso comum, o conhecimento espontâneo ligado diretamente à experiência cotidiana (...) misto de verdade e de erro. *Sofia* é a sabedoria fundada numa longa experiência de vida (...). A *episteme* significa ciência, teoria do conhecimento, metódico e sistematizado, e o termo “gnosiologia” - *gnosis* é associado ao conhecimento direto e objetivo de si mesmo (SAVIANI, 2013, p. 288)

Segundo o autor, a teoria do conhecimento “tem como objeto o estudo das condições de possibilidade, legitimidade, valor e limites do conhecimento científico” (SAVIANI, 2017a, p. 2), e que existe uma relação direta entre a *episteme* e *gnosis*, pois todo conhecimento científico é sempre tributário de um pano de fundo ideológico, político e histórico. Para ele, a gnosiologia “tem por objeto o estudo das condições de possibilidade, legitimidade, valor e limites do conhecimento humano” (SAVIANI, 2017a, p. 2). Temos que a *episteme* evoca a teoria do conhecimento científico sistemático - a ciência, e a *gnosis* reclama o conhecimento em termos gerais, em sua acepção ampla e filosófica (PEREIRA, 1976, p. 115-220).

Chizzotti (1991) nos reporta novamente ao conhecimento acadêmico, para o qual a epistemologia está diretamente implicada na construção racional do conhecimento científico, e para tanto exige a escolha metódica, como meio de reflexão do objeto de estudo. Essa escolha, segundo o autor, valida o caráter ideológico e político do pesquisador e o como permeia o conhecimento por ele produzido.

As discussões geridas por Saviani (2017a; 2017b), Pereira (1976) e Chizzotti (1991), esclarecem o lugar da epistemologia na produção acadêmica: na escolha e organização da base teórica, no desenvolvimento de conceitos, na estrutura metodológica, no processo de análise e conclusões obtidos na construção do conhecimento. Cabe à epistemologia conduzir a proposição de soluções claras para os objetos estudados, apoiar-se em consistentes teorias, relevantes e inteligíveis, adequadas à realidade da investigação científica. Em essência é a epistemologia quem ajuda a “abordar problemas lógicos, semânticos, gnosiológicos, metodológicos, ontológicos, axiológicos e deixar claro os pressupostos filosóficos, éticos, estéticos e pedagógicos” (TESSER, 1994, p.92) utilizados pelo pesquisador. Os aspectos citados dão “unidade aos processos da produção do conhecimento [...] e permitem compreender os interesses que motivam e comandam o processo” (SÁNCHEZ GAMBOA, 2013, p. 403).

A epistemologia com base na dialética materialista tem uma identidade ontológica e gnosiológica indivisível. Na dialética ontológica exige a construção do movimento da

história em sua complexidade, sua dinâmica, contradições, conflitos e transformações; a dialética gnosiológica responde pelos princípios e valores, concepções de mundo, assumidos. Na interlocução de ambas temos uma dialética relacional que é explicada por Lukács (1984), citado por Severino (2001, p. 190), como aquela que aclara “as articulações da existência coletiva dos homens para mudá-la”. Numa acepção ampla e filosófica, a dialética relacional sustenta um estatuto epistemológico próprio que faz com que o pesquisador busque e se posicione frente aos condicionantes da sociedade, no que se refere a sua evolução, contextualidade e temporalidade” (NETO; FRANÇA; FURTADO, 2017b, p. 101).

A dialética relacional, de acordo com Neto, Franca e Furtado (2017a, 2017b, p.19), sustenta concepções filosóficas e axiológicas que pressupõem visões de mundo, o que para Gomide (2014), representa a assunção de determinados modelos paradigmáticos. Ainda na proposição dos autores, essas concepções sustentam seis níveis de articulações, que podem ser assim explicitadas: 1) Técnico-instrumental que se refere aos processos de delimitação de fontes bibliográficas, coleta de dados, registro, organização, sistematização e tratamento de dados e informações; 2) Metodológico que se refere às estratégias e procedimentos utilizados para abordar e compreender o objeto de estudo; 3) Teórico que se referem à seleção ou escolha de referenciais, seus núcleos conceituais básicos que apoiam na organização de categorias explicativas e na construção do concreto pensado; 4) Epistemológico, relativo aos critérios de validade científica, escolha da concepção de ciência e sua relação com a teoria do conhecimento; 5) Ontológico que se reporta ao ser, a concepção de homem, mundo, sociedade; 6) Gnosiológico que focaliza as formas e leis do conhecimento, princípios, valores e posicionamento ético-políticos frente a produção de conhecimento. Como afirmaram Gomide (2014) e Sánchez Gamboa (2009), esses seis níveis de articulação ajudam na proposição de conhecimento relevante, pois no conjunto, estão diretamente relacionados ao método, o qual qualifica a epistemologia dialética, favorecendo uma produção acadêmica crítico-reflexivo<sup>2</sup>.

Assumimos com os autores a importância da dialética materialista como princípio

---

2 A reflexão crítica é necessária para entender os mecanismos de controle que permanecem mantendo as desigualdades sociais e culturais criadas, reafirmando as diferenças. Assim, fere de morte a educação e a democracia, gerando natureza desumanizada.

epistemológico na sustentação de um percurso teórico-metodológico, capaz de explicar as múltiplas relações, articulações, nexos e significados, de um objeto de estudo. Para tanto, exige sólida formação acadêmico-científica, política e ideológica, para influir na produção do conhecimento necessário à transformação social. A ausência de opção de matrizes epistemológicas que sustentem o método em seu correto desenvolvimento na pesquisa, gera inconsistência teórica, representada pela perda de rigor e relevância na construção do conhecimento

Ainda se faz importante associarmos as afirmações de Severino (2003), para ele o posicionamento epistemológico se converte em posicionamento político, e quando há a opção pelo método materialista histórico dialético, infere-se determinada conotação social, política, cultural e acadêmica (SEVERINO, 2013; SAVINI, 2013), como discutimos, na produção do conhecimento, como também reforçaram XX (2016) e XX (2017).

Conclui-se que somente a epistemologia pode submeter a Ciência a um estudo crítico e esclarecedor, ela está para uma reflexão profunda e crítica sobre o universo da Ciência, portanto sobre o conhecimento, implica entender qual lugar ele ocupa na sociedade atual, o que é e o como contribui, organiza, racionaliza o processo de produção, ajuda a desvelar os interesses e relações, inclusive o como esses interesses podem utilizar o conhecimento como instrumento ideológico de poder, manipulação e legitimação da sociedade dominante.

### **Epistemologia da práxis: princípios à produção do conhecimento**

A epistemologia da práxis torna-se método epistemológico quando relacionada a lógica do movimento do pensamento, e quando sustenta os princípios do materialismo histórico dialético (MHD). O MHD institui um movimento relacionado a compreensão da materialidade, a historicidade e a dialética<sup>3</sup>. Como explicou Gomide (2014), a materialidade está sempre relacionada a uma visão ontológica de mundo, que diz da organização dos

---

3 Mesmo que exista outras categorias que participam da lógica dialética, como: contradição, ideologia, trabalho, alienação, dentre outras, que no conjunto, ajudam a sustentar as conexões com o meio social historicamente constituído, vamos nos ater as especificidades da materialidade, historicidade e a dialética.

homens em sociedade, cuja interpretação deve se dá por meio da práxis. A *historicidade*<sup>4</sup> está relacionada ao caráter histórico dos sujeitos, ao como se organizam, se diferenciam ao longo dos tempos, pois não há como pensá-los desvinculados do seu tempo histórico e das condições concretas em que desenvolvem as relações sociais. A *dialética*, por sua vez, tem como princípio básico a contradição, que ajuda a “considerar as coisas e os conceitos no seu encadeamento, suas relações mútuas, sua ação recíproca e as decorrentes modificações mútuas, seu nascimento, seu desenvolvimento, sua decadência”, como também afirmou Santos (2000, p. 46).

A epistemologia da práxis sustenta categorias nucleares pertencentes ao MHD. Em linhas gerais, Cury (1985) e Gomide (2014) destacam a importância da utilização de pelo menos três que são a totalidade, a mediação e a contradição. A *totalidade* está vinculada à categoria contradição, pois os sistemas de contradições dinamizam as totalidades que só têm sentido quando pensadas em articulação com a categoria mediação. Na articulação das três categorias reafirma-se novamente a indissociabilidade entre ontologia e gnosiologia. A presença da ontologia diz das “concepções de homem, sociedade, história, educação e realidade, implícitas na visão de mundo em toda produção científica” (SÁNCHEZ GAMBOA, 2009, p. 71); os aspectos gnosiológicos afirmam a relação do pensamento com o ser e o movimento do conhecimento, inspirando uma vocação teórico-metodológica.

Do ponto de vista formativo, essa relação também expressa a indissociabilidade entre teoria-prática. Premissa que sustenta que um objeto de estudo é empírico, real e aparente (a prática), e para conhece-lo é necessário ir progressivamente associando abstrações ou reflexões (teorias), para chegar a uma nova forma de pensamento mais refletida – o concreto pensado. O concreto pensado, para Marx e Engels (1965), é a compreensão elaborada do que há de essencial no objeto, é a síntese de suas múltiplas determinações, expressa consciência crítica, de classe, fruto da realidade concreta, de suas contradições, na via oposta a alienação (FRIGOTTO, 1997).

A postura crítica, ainda segundo Marx e Engels (1965), pertence ao sujeito eman-

---

4 Considerando-se que a realidade histórica é determinante, a histórica conduz o processo de produção do conhecimento. Nas palavras de Cardoso (2013b, p. 5) “se há um movimento do pensamento em busca da apreensão dos determinantes da realidade, esse movimento é necessariamente histórico, historicizado, não apenas em termos de história do pensamento ou da teoria, mas também de sua inserção histórica real”.

cipado, e transcorre, explicitamente, no terreno da consciência, da interioridade. Por ser diferente da visão crítico-mecanicista, a crítica dialética exige uma posição inquieta na pesquisa, articulada a uma contraposição a ideologia dominante, sem retirar-lhe o movimento e a contradição. Sem uma visão crítico dialética o conhecimento torna-se apenas uma formulação discursiva impotente, conforme também anunciou Frigotto (2016), que fortalecerá a ordem vigente.

Os princípios da epistemologia da práxis promovem repercussões práxicas, gerando impactos e relevâncias na produção do conhecimento. Com a centralidade do materialismo histórico dialético, sustentado por uma constante vigilância epistemológica (XX, 2018), o pesquisador poderá posicionar-se na contraposição da falácia da neutralidade científica gerando conhecimento emancipador.

#### **Algumas considerações: buscando sínteses**

Pensar a produção do conhecimento sustentada pela epistemologia da práxis é assumir o método materialista histórico dialético, como um método de interpretação da realidade. Conforme mostrou Frigotto (2008), isto representa demarcar uma postura, que enquanto práxis, possibilita novas sínteses no processo do conhecimento da realidade histórica. Assumimos, portanto, essa defesa como uma forma de luta no contexto da pós-graduação e com o objetivo de gerar um conhecimento crítico. Resumimos bases e princípios:

- a) Assumir uma concepção de ciência enquanto realidade objetiva, histórica, e contraditória, que priorize a indissociabilidade entre o sentido epistemológico, ontológico e gnosiológico na produção do conhecimento;
- b) Assumir que a hegemonia transforma o sentido da produção do conhecimento influenciando na conscientização;
- c) Defender a tese de que a dialética e a práxis passam a ser categorias centrais na abordagem dos problemas do conhecimento;

- d) Assumir o método materialista histórico dialético como fundamental na apreensão dos condicionantes do objeto estudado;
- e) Exigir clareza no posicionamento político contra hegemônico do pesquisador, suscitando a reflexão crítica na luta contra processos de alienação;
- f) Estabelecer o compromisso com uma prática ético-política em processos de formação de professores, na produção acadêmica, bem como nos processos de orientações na pós-graduação;
- g) Promover a qualidade social, rigor e relevância, da pesquisa científica;

Os aspectos sistematizados representam uma perspectiva de resignificação, rigor e relevância do processo investigativo e da, subsequente, produção do conhecimento. Concordamos com Severino (2008, p.24) quando afirma de nada valerá ensinar métodos e técnicas a serem utilizados nas pesquisas das áreas da pós-graduação, se não se tem presente a preocupação com a significação epistêmica do processo investigativo. Nesse sentido, a reaproximação da epistemologia com a teoria do conhecimento, a partir do materialismo histórico dialético (MHD), no que se refere à pesquisa e a produção do conhecimento na pós-graduação, exige assumir a epistemologia da práxis, em seu sentido pleno de potencial de transformação.

Conclui-se no conjunto dos autores estudados, em destaque Souza Santos (2000, p. 308), afirmou que o conhecimento acadêmico necessita gerar uma retórica dialógica, com argumentos emancipatórios e contra hegemônicos, que irão expandir-se nas relações formativas, tornando-se, mais tarde, “conhecimentos-emancipação hegemônicos”. Nesse sentido, reforçamos a epistemologia da práxis como princípio de resistência contra hegemônica, como expressão da pesquisa como uma práxis, fundamental na omnilateralidade da formação docente, e na produção do conhecimento que desvela as relações que envolvem o epistêmico e o social.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Parecer nº 977/65**. Aprovado em 3 de dezembro de 1965. Brasília: MEC/CEF, 1965. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/capes>>. Acesso em: 30 out. 2014.

CHAUÍ, M. **A universidade pública sob nova perspectiva**. Rev. Bras. Educ. 2003.

CHIZZOTTI, A. As ciências humanas e as ciências da educação. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v.14, n.04, p. 1556 – 1575 out./dez.2016.

CÓSSIO, M. de F. Base comum nacional: uma discussão para além do currículo. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v. 12, n. 03 p. 1570 - 1590 out./dez. 2014 ISSN: 1809-3876 1570 Programa de Pós-graduação Educação: Currículo – PUC/SP.

CURY, C. R. J. **Educação e Contradição**: elementos metodológicos para uma teoria crítica do fenômeno educativo. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1985.

FRIGOTTO, G. O Enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa Educacional. In: FAZENDA, I. (Org.). **Metodologia da Pesquisa Educacional**. São Paulo: Cortez, 1991.

FRIGOTTO, G. Educação e formação humana. Ajuste neoconservador e alternativa democrática. In: GENTILI, P.; SILVA, T. T. da (Orgs.). **Neoliberalismo, qualidade total e educação: visões críticas**. Petrópolis: Vozes, 1997. p.31-93.

FRIGOTTO, G. A interdisciplinaridade como necessidade e como problema nas ciências social. **Revista Ideação**, v. 10 nº1, Unioeste, 2008.

FRIGOTTO, G. As novas e velhas faces da crise do capital e o labirinto dos referenciais teóricos. In: FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M. (Orgs.). **Teoria e educação no labirinto do capital**. São Paulo: Expressão Popular, 2016.

GOMIDE, D. C. O materialismo histórico-dialético como enfoque metodológico para a pesquisa sobre políticas educacionais. In: SAVIANI, D. [et al.] **Anais da XII Jornada do Histedbr e Seminário de Dezembro: A crise estrutural do capitalismo e seus impactos na educação pública brasileira**. Caxias, MA: Histedbr, MA / CESC, 2014.

GOUVÊA, F. C. F. A institucionalização da pós-graduação no Brasil: o primeiro decênio da

CAPES (1951-1961). **RBPG**, Brasília, v. 9, n. 17, p. 373 - 397, julho de 2012.

LUKÁCS, G. **Para uma ontologia do ser social**. Boitempo, SP: São Paulo, 1984.

XX. 2018.

MARX, K.; ENGELS, F. **A Ideologia Alemã**. Tradução de Waltensir Dutra e Florestan Fernandes. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1965.

NETO, G. P. P.; FRANÇA, N. F.; FURTADO, R. S. Teoria do conhecimento e epistemologia. **Filosofia e Educação [RFE]** – volume 8, número 3 – Campinas, 2017a.

NETO, G. P. P.; FRANÇA, N. F.; FURTADO, R. S. Teoria do conhecimento, epistemologia e materialismo histórico dialético na pesquisa e no trabalho pedagógico em educação física. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 9, n. 2, p. 99-107, ago. 2017b.

NEVES, L. M. W. **A nova pedagogia da hegemonia: estratégias do capital para educar o consenso**. São Paulo: Xamã, 2005.

NEVES, L. M. W. (Org.). A direita para o social e a esquerda para o **36ª Reunião Nacional da ANPEd** – 29 de setembro a 02 de outubro de 2013, Goiânia-GO capital: intelectuais da nova pedagogia da hegemonia no Brasil. São Paulo: Xamã, 2010.

NEVES, L. M. W. O professor como intelectual estratégico na disseminação da nova pedagogia da hegemonia. **Anais da 36ª Reunião Nacional da ANPEd**. Goiânia, 2013.

PEREIRA, I. **Dicionário grego-português e português-grego**. Porto: Livraria Apostolado da Imprensa, 1976.

SÁNCHEZ GAMBOA, S. S. Quantidade-qualidade: para além de um dualismo técnico e de uma dicotomia epistemológica. In: SANTOS FILHO, J. C.; GAMBOA, S. S. (Orgs.). **Pesquisa Educacional: quantidade-qualidade**. São Paulo: Cortez, 2009.

SÁNCHEZ GAMBOA, S. S. **Projetos de pesquisa, fundamentos lógicos: a dialética entre perguntas e respostas**. Chapecó: Argos, 2013.

1. SAVIANI, D. Epistemologia de las políticas educativas: algunas precisiones conceptuales. In: TELLO, Cesar. **Epistemologia de la política educativa**. Campinas, São Paulo: Mer-

cado de letras, 2013, pp. 495-501.

SAVIANI, D. Epistemologias da política educacional: algumas precisões conceituais. **Revista de Estudios Teóricos y Epistemológicos en Política Educativa**, v. 2, n. 1, 2017a.

2. SAVIANI, D. Pedagogia histórico-crítica, educação e revolução. In: ORSO, P. J.; MALANCHEN, J.; CASTANHA, A. P. (Orgs.). **Pedagogia histórico-crítica, educação e revolução 100 anos da revolução russa**. Campinas, Sp: Armazém do Ipê, 2017b.

3. SEVERINO, A. J. A pesquisa em Educação : a abordagem crítico-dialética e suas implicações na formação do educador. **Contra Pontos** - Ano 1 - nº 1- Itajaí, jan/jun de 2001.

SEVERINO, A. Preparação técnica e formação ético-política dos professores. In: Leite, R. L. (Org.). **Formação de educadores: desafios e perspectivas**. Barbosa. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

SEVERINO, A. J. O ensino superior brasileiro: novas configurações e velhos desafios. **Educar**, Curitiba: Editora UFPR, n. 31, p. 73-89, 2008.

SEVERINO, A. Epistemologias da política educacional: algumas precisões conceituais. **Revista de Estudios Teóricos y Epistemológicos en Política Educativa**, v.2, n.1, 2013.

SOUZA SANTOS, B. de. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. São Paulo: Cortez, 2000.

TESSER, Gelson João. Principais linhas epistemológicas contemporâneas. **Educ. rev.** [online]. 1994, n.10, pp.91-98.

VELLOSO Andrea. A pós-graduação no Brasil: legados e desafios. **Almanque Multidisciplinar de pesquisa da Universidade Unigranrio**, ano 1, vol 1, número 1, 2014.